



O STALINISMO E A RECONSTRUÇÃO DO PÓS-GUERRA EM VARSÓVIA. REALISMO SOCIALISTA & ARQUITETURA MODERNA¹

■ MARIA DE BETANIA UCHOA CAVALCANTI

A estrutura centralizada de poder exercida por Stalin a partir da década de 1930 transformou drasticamente a URSS em um Estado totalitário. Como líder incontestável e supremo do Partido Comunista, Stalin

governaria pessoalmente a União Soviética, interferindo, sem oposição, em todas as esferas do *aparatus* governamental. Todo elemento da sociedade estava a serviço do Estado, e Stalin, com controle absoluto sobre a política nacional, economia, ideologia, movimentos artísticos e culturais, imprensa, etc., concentrava todas as decisões em suas mãos.

Para expressar essa nova ordem política, Stalin, a exemplo de outros ditadores ao longo do século XX (Hitler, Mussolini, Franco e Ceausescu), usa a arquitetura e o desenho urbano para criar um cenário ideologicamente apropriado para a construção do “novo homem” e da “nova sociedade”, homogênea e coletivizada. A rejeição do legado capitalista e do passado indesejável que a Revolução de 1917 objetiva erradicar, traz a demolição em grande escala do tecido urbano de Moscou e a sua reconstrução como capital do império soviético, cujos espaços urbanos grandiosos e edifícios gigantescos excessivamente decorados estabelecem o ecletismo monumental como o “único” estilo correto e aceitável pela estética oficial.

O realismo socialista, nome atribuído ao novo estilo oficial, interrompe violentamente as experiências do modernismo na Rússia entre 1917-1930 e a busca de uma nova arte e nova arquitetura que represente os avanços sociais e tecnológicos da Revolução. Assim, o construtivismo torna-se a antítese do realismo socialista, e sua rejeição é decidida pessoalmente por Stalin, que estabelece tribunais para o

O artigo discute a imposição stalinista na arquitetura e na forma da cidade de Varsóvia, no período de reconstrução do imediato pós-guerra. Dois ícones deste período são o MDM – Marszalkowska Dzielnica Mieszkaniowa, grandioso complexo residencial de caráter severo e cerimonial, de acentuado ecletismo, e o gigantesco Palácio de Cultura e Ciência.

Discute-se, ainda, a produção da arquitetura moderna que tenta combater o retrocesso historicista imposto pela estética oficial, até que o programa de desestalinização implementado por Nikita Khrushchev permite a abolição da censura estética do Estado na produção do ambiente construído.

Com a aceitação oficial da arquitetura moderna, o governo polonês decreta normas para standardização e racionalização da construção, e o decorativismo historicista é considerado inadequado.

■ Arquiteta, Doutora, atualmente reside em Lübeck, Alemanha, onde desenvolve pesquisa sobre as transformações urbanas e arquitetônicas da Europa Oriental

juízo de “erros arquitetônicos” dos defensores do “fetichismo tecnológico” ou formalistas, como eram denominados os profissionais que exerciam a arquitetura moderna (Tarkhanov; Kavtaradze, 1992).

Esse retorno à tradição se intensifica no pós-guerra, quando o neoclássico, o “classicismo socialista” ou o *red classicism*, eclético e monumental, vem representar o ideal soviético na arquitetura e desenho urbano da cidade (Fig. 1). A arquitetura moderna é totalmente banida, o funcionalismo rejeitado, e a expressão plástica anacrônica do realismo socialista, baseada num vocabulário arquitetônico do passado, no ornamento, na simetria, axialidade, hierarquia e diversidade da forma, na fachada e silhueta e, sobretudo, na escala gigantesca, torna-se a arquitetura da vitória, da ostentação, da propaganda, do culto da personalidade e do terror stalinista.

No pós-guerra, a divisão da Europa pelos aliados em dois blocos distintos em termos políticos e ideológicos – Europa Oriental, de ideologia marxista-leninista, sob domínio da URSS, e a Europa Ocidental, com a democracia liberal e capitalista, com forte presença política e econômica dos EUA – recebe de Churchill, em um discurso na House of Commons, em Londres, em agosto de 1945, a famosa expressão “*iron curtain*” ou cortina de ferro, para se referir à linha da fronteira com os países alinhados com Stalin e com a URSS (Fulbrook, 1991).

Em 1947, Harry Truman torna pública a Guerra Fria em um famoso discurso que pretende alertar o ocidente contra o “perigo da ameaça bolchevista” e conter o avanço do “comunismo vermelho” (Pulzer, 1995).

Neste contexto político de confrontação e disputa, a



1. Realismo socialista na arquitetura de Moscou

reconstrução das cidades devastadas pela guerra torna-se prioridade nos dois blocos. No ocidente, os EUA lançam o Plano Marshall, o European Recovery Programme, totalmente rejeitado pela URSS e por todo bloco oriental, por basear-se na economia de mercado e conflitar com a política econômica dos países socialistas, centralizada e controlada pelo Estado.

O Plano Marshall proporciona a recuperação econômica da Europa Ocidental, a reconstrução urbana das cidades, que, de uma maneira geral, adotam o urbanismo moderno como base do ordenamento territorial e urbano do pós-guerra. Em Berlim, Hans Scharoun aplica os princípios de descentralização e divisão funcional da cidade no “*collective plan*” por ele coordenado em 1946, e, em 1962, a Interbau – Internationale Bauauss-Tellung Berlin, realizada no Hansaviertel, reúne edifícios de grandes mestres da arquitetura moderna como Walter Gropius, Niemeyer, Alvar Aalto, Bakema, Le Corbusier, entre outros, ilustrando a propaganda oficial da Bundesrepublik Deutschland – República Federal da Alemanha e seus princípios liberais democráticos e o direito à individualidade e criação artística (Cavalcanti; Brendle, 1998).

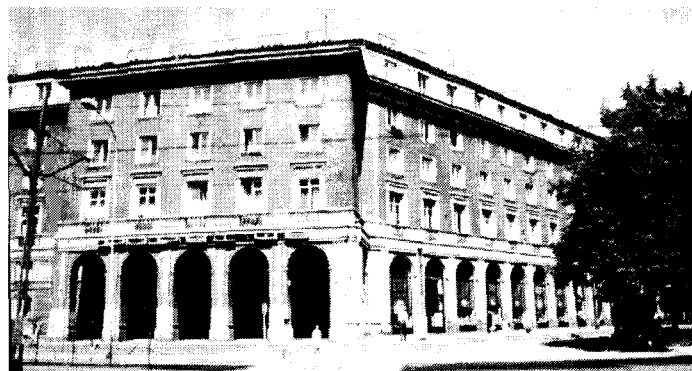
Nos países da Europa Oriental a reconstrução urbana vem imbuída de forte conteúdo ideológico e, sob determinação de



2. Magistrale - Lange Strasse, Rostock



3. Stalinallee, atual Karl-Marx-Alle



4. Nowa Huta, Cracóvia



5. MDM- Marszalkowska Dzielnica Mieszkaniova. Plac Konstytucji



6. Stalinallee (Karl-Marx-Alle)



7. Arquitetura moderna na Stalinallee



8. Arquitetura moderna na Magistrale

Moscou, adota o realismo socialista no ideário urbano e arquitetônico das cidades. Isto resulta na produção de um ambiente construído caracterizado por espaços urbanos de acentuada axialidade e edifícios de escala grandiosa, onde o ecletismo, ora neoclássico, ora neogótico, vem constituir o cenário do poder soviético em cidades como Rostock (Magistrale) (Fig. 2); Berlim (Stalinallee) (Fig. 3), Dresden (Ernst-Thalman-Strasse) e Leipzig (Karl-Marx-Platz) na Alemanha Oriental; Cracóvia (Nowa Huta) (Fig. 4) e Varsóvia (MDM-Marszalkowska) (Fig. 5), na Polônia.

A Stalinallee, com sua escala gigantesca, efeito de massa, simetria, axialidade, excessiva ornamentação historicista (Cavalcanti; Brendle, *op. cit.*), é considerada a primeira “rua socialista” do pós-guerra e torna-se o símbolo da reconstrução urbana na década de 1950. Ela expressa em arquitetura e desenho urbano os ideais de pompa, centralização e megalomania dos regimes totalitários, a exemplo do eixo Norte-Sul projetado por Albert Speer e Hitler para o centro de Berlim e, mais recentemente, o Boulevard Vitória do Socialismo construído sobre as ruínas do centro histórico de Bucareste, na Romênia, sob as ordens de Nicolae Ceausescu (Cavalcanti, 1994, 1997).

A arquitetura moderna só retorna livremente à Europa Oriental com a morte de Stalin em 1953, através do programa

de desestalinização lançado por Nikita Khrushchev, que, entre outros aspectos, critica firmemente a arquitetura stalinista e sua cara ornamentação. Khrushchev incentiva a industrialização e pré-fabricação da habitação popular nos enormes conjuntos residenciais para a classe trabalhadora.

A partir da década de 1960, a Stalinallee, que passa a se chamar Karl-Marx-Allee, tem seu trecho final, que estabelece a ligação com a Alexanderplatz, construído com edifícios da mais pura arquitetura moderna, tanto nos blocos residenciais de aproximadamente 10 pavimentos, como nos cinemas, restaurantes, galerias de arte, etc. (Figs. 6 e 7). O mesmo acontece em Rostock, onde a Magistrale ou Lange Strasse é concluída com edifícios de nítido vocabulário arquitetônico modernista (Fig. 8).

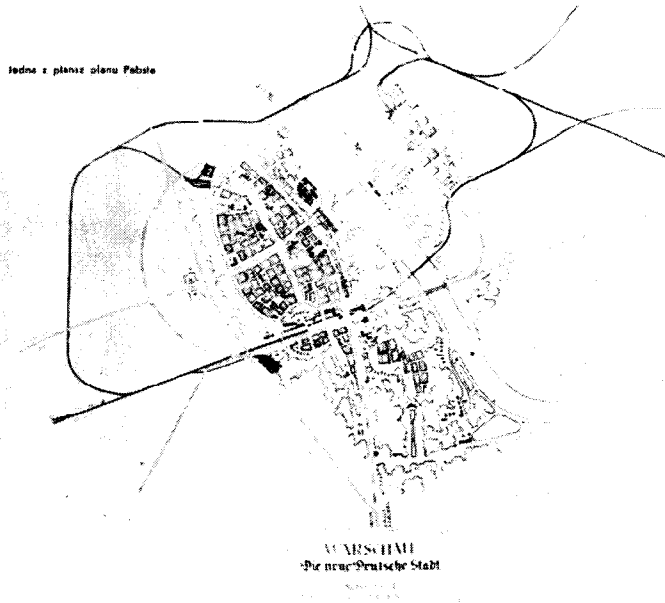
A partir da década de 1960 a Guerra Fria se intensifica com a construção do Muro de Berlim, que marca o fechamento definitivo da fronteira com o ocidente. Mas, em ambos os blocos do continente europeu, se vê uma rica produção de arquitetura moderna e o distanciamento do ornamento eclético e anacrônico e da monumentalização da construção característicos do período stalinista.

Este artigo discute especificamente o caso de Varsóvia, a capital polonesa que teve 80% de seu ambiente construído devastado pelos bombardeios da Segunda Guerra Mundial e pela destruição deliberada comandada pelos nazistas como parte dos planos de Hitler para construir a Die Neue Deutsche Städt (Fig. 9), ou a Nova Cidade Alemã, projetada para 100 mil habitantes germânicos (Ciborowski, 1964).

Como nos demais países do bloco oriental, o Movimento Moderno na Polônia é oficialmente banido no período stalinista, mas a resistência de muitos arquitetos à imposição do realismo socialista resulta na produção de uma arquitetura que vem dar continuidade às vanguardas do início do século.

VARSÓVIA

Nas primeiras décadas do século XX, a arquitetura polonesa caminha em direção à modernização, que consiste principalmente na limitação do ornamento e decorativismo. O *art nouveau* começa a decair, e, sob influência do cubismo, a geometrização como linha mestra vem constituir a característica principal do *art déco* polônês. Entretanto ainda é forte a presença do tradicionalismo na arquitetura polonesa, o que explica a profusão de estilos historicistas ainda na década de 1920, tanto em residências como em edifícios públicos, que são construídos em estilos ecléticos de vocabulário clássico, neobarroco ou neo-renascentista. Mesmo assim, exemplares de arquitetura protomoderna são visíveis em Varsóvia entre 1908-1914, nos quais a eliminação dos elementos ecléticos é seguida pela estilização e simplificação formal. A simetria na composição das fachadas



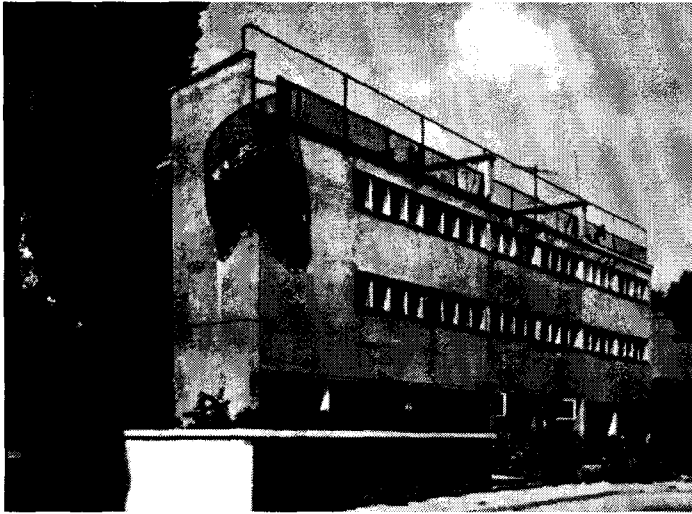
9. Die Neue Deutsche Städt



10. Casa sob as Águias

é mantida, mas a decoração torna-se gradualmente resumida, e já se vê a revelação dos elementos estruturais da construção. Um dos mais importantes edifícios construídos neste período é de autoria de Jan Heurich, que projeta o Cooperative Societies Bank, o qual torna-se conhecido como “House under the Eagles”, ou a Casa sob as Águias, um extraordinário exemplo de transição do *art nouveau*, onde o autor usa grandes esquadrias para diminuir a massa pesada da construção, dando-lhe leveza, e restringe a decoração a baixos-relevos que salientam a claridade da estrutura (Fig. 10).

Gradativamente, o *avant-garde* torna-se a corrente predominante na arquitetura, pintura, escultura e artes



11. Residência de Bohdan Lacherf



12. Vila Brukalski

gráficas, e o vocabulário *folk* ou clássico tradicionalista vai desaparecendo do cenário artístico da cidade. Grupos de artistas representam as tendências do *avant-garde* polônês como o Blok e Praesens em Varsóvia, inspirados no cubismo, suprematismo, neoplasticismo e construtivismo na Europa e URSS. É um período rico em pesquisas, experimentos e questionamentos da estética contemporânea e dos manifestos artísticos.

O Blok vem advogar a construção de formas puras e dá prioridade à utilidade prática, trabalho coletivo, economia



13. Edifício do Correio Central de Varsóvia

material, mecanização do trabalho e à predominância dos problemas de construção sobre a forma ou padrões estilísticos (Olszewski, 1989). As publicações do Blok incluem artigos e obras de Theo van Doesburg, Mies van der Rohe, e sua primeira exposição em 1924 é um público reconhecimento dos vínculos ideológicos da nova arte, da nova tecnologia com a máquina e a rejeição total da imitação, da cópia e da *mimesis*. Experiências do funcionalismo e racionalismo na arquitetura são desenvolvidas por membros do Blok (Teresa Zarnowerówna e Mieczyslaw Szczuka), mas as figuras mais importantes são Bohdan Lacherf (Fig.11), Barbara e Stanislaw Brukalski (Fig. 12), e Julian Puterman Sadlowski (Fig. 13)

A partir da década de 1930, o ecletismo é banido da produção arquitetônica polonesa, embora surja uma forte crítica à arquitetura funcional pela alegada falta de preocupações com as condições climáticas, pela não-

utilização de métodos construtivos tradicionais e, principalmente, pelo aspecto *box-like* dos edifícios (Olszewski, *op. cit.*). Como alternativa, emerge o denominado “classicismo moderno”, com tendência ao monumentalismo e ao uso de colonatas, rotundas, elementos neobarrocos simplificados e uma maior diversidade de materiais e texturas, fachadas suntuosamente revestidas em mármore e interiores decorados com ornamentos, baixos-relevos e esculturas.

Um dos líderes deste movimento, que pretende reagir à severidade rigorosa do funcionalismo, é o arquiteto Bohdan Pniewski, autor, entre outros, do projeto do edifício do Ministério dos Transportes (Fig. 14), formado por três blocos independentes, assimétricos e balanceados. Uma composição de proporções clássicas, mas livremente reinterpretada.

O período compreendido entre o final da década de 1920 até a explosão da Segunda Guerra Mundial é caracterizado pela convivência de tendências arquitetônicas opostas, senão conflitantes, tais como o *classic revival*, ou a alegada interpretação contemporânea de estilos históricos, e o desenvolvimento da arquitetura moderna.

O PÓS-GUERRA E O REALISMO SOCIALISTA

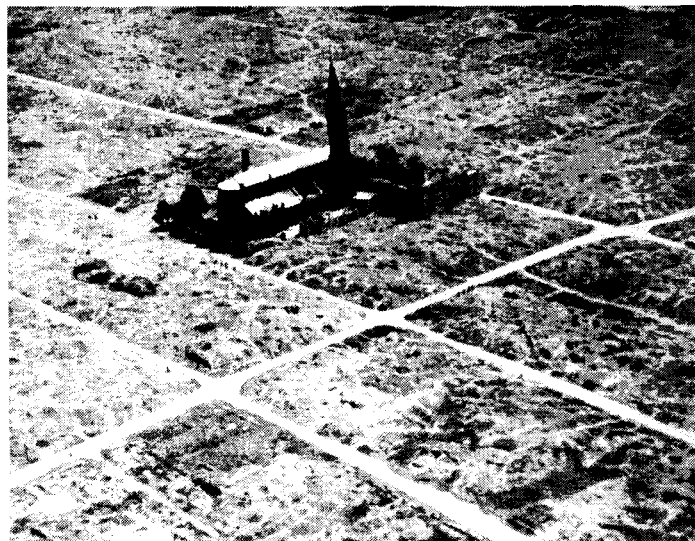
O ataque nazista à Polônia em 1939 e a posterior ocupação do país foram devastadores. A determinação de Hitler em erradicar a nação polonesa trouxe a destruição planejada da Starea Miasto ou cidade antiga, que é deixada sob toneladas de escombros. Depois de terem sido cuidadosamente numerados, os edifícios da Starea Miasto são explodidos com dinamite de acordo com a ordem de importância cultural. Além disso, em toda a cidade, a maioria dos edifícios de interesse histórico, como museus, bibliotecas, arquivos, etc., é deliberadamente destruída, a exemplo do Royal Castle, como também todo o sistema de infra-estrutura, telefone, água, eletricidade e até árvores.

Embora fora do escopo deste artigo, é importante mencionar a reconstrução da Starea Miasto, que posteriormente vem integrar a lista da Unesco do World Cultural Heritage. A recuperação dos monumentos e conjuntos históricos em Varsóvia tornou-se uma questão de identidade nacional. A destruição nazista da cultura polonesa foi deliberada e intencionava transformar a cidade em uma tábula rasa para a construção da Die Neue Deutsche Städt (Fig. 9). Assim, a restauração total da cidade antiga, objeto de controvérsia e discussão entre *experts* da área de preservação cultural, traz acentuada resposta emocional que envolve conceitos de patrimônio, nação, identidade e cultura.

O anti-semitismo nazista traz ainda a destruição do “Gueto de Varsóvia”, o distrito localizado na área nordeste



14. Edifício do Ministério dos Transportes



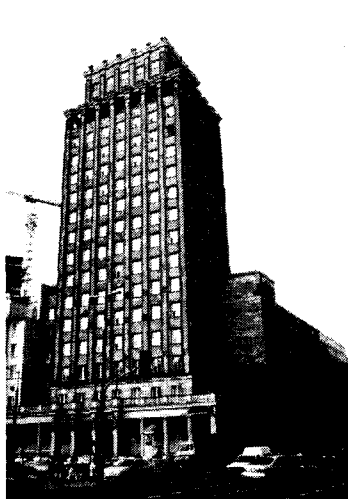
15. Gueto de Varsóvia após destruição nazista

da cidade, designada para segregação dos judeus, onde mais de 400 mil pessoas viviam em uma área de aproximadamente 4km², em condições degradantes e inimagináveis para a condição humana. Do “Gueto de Varsóvia”, o único edifício deixado pelos nazistas é a Igreja de Santo Augustine (Fig. 15).

Na primeira fase de reconstrução do pós-guerra (1945-1949), após a remoção das minas e dos escombros, que segundo Zielinski (1997) eram da ordem de 20 milhões de metros cúbicos, e após a normalização da infra-estrutura básica que permitisse à população retornar à capital, arquitetos e engenheiros trabalham conjuntamente num grande projeto de reconstrução da cidade, coordenado pelo



16. Hotel Warszawa



17. Hotel Warszawa



18. Hotel Warszawa



19. Conj. residencial Muranów

Ministério de Reconstrução e pelo Escritório Central de Planejamento Urbano e Rural (Trzeciak, 1968).

Sob o controle soviético, as autoridades do Partido Comunista que governam o país gradualmente eliminam o setor privado, a terra é estatizada, e a nova política cultural determinada pelo regime torna obrigatória a doutrina do realismo socialista em arte e arquitetura. Edifícios das primeiras décadas do século XX que sobreviveram à destruição da guerra são demolidos ou modificados, por representarem “*the soulless creation of capitalism*” (Zielinski, *op. cit.*). Isto é ilustrado pelo edifício do Hotel Warszawa, projetado em 1933 por Martin Weinfeld em formas puras e sem ornamentos (Fig. 16). A sua reconstrução no pós-guerra incorpora uma abundante decoração eclética típica do realismo socialista que o desfigura totalmente (Figs. 17 e 18).

O Instituto de Arte do Estado, subordinado ao Ministério de Cultura e Arte, tem entre suas principais atribuições “*conduzir trabalhos teóricos na correta direção de seu desenvolvimento*” (Olszewski, *op. cit.*), ou seja, a arte deveria lidar com os eventos políticos contemporâneos e fatos importantes da história da nação e do movimento dos trabalhadores. Assim, tem-se a rejeição da dominação da forma sobre o conteúdo, da arte abstrata, do cubismo, etc.

Na Polônia, como em toda a Europa Oriental sob domínio soviético, arte e arquitetura de vanguarda são condenadas como manifestações do formalismo cosmopolita e capitalista, as experiências anteriores à Segunda Guerra Mundial são oficialmente interrompidas, e a produção artística do país se isola do contexto internacional contemporâneo.

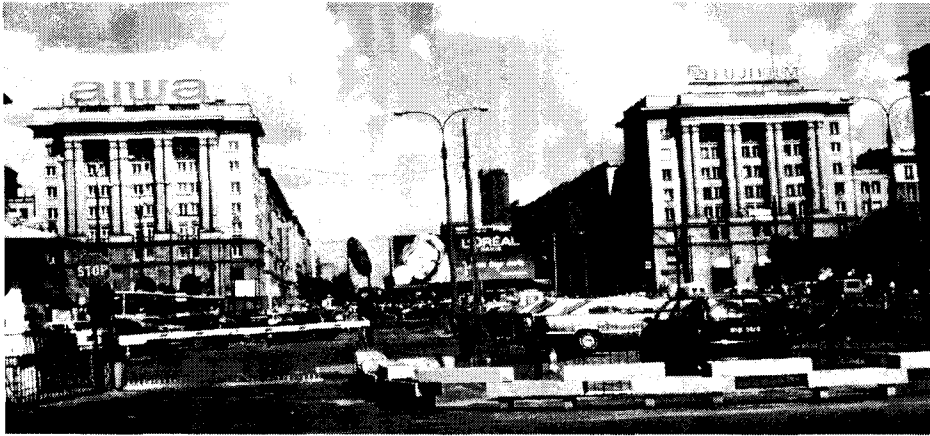
O princípio fundamental do realismo socialista era de que a arte deveria ser “socialista no conteúdo, mas nacional na forma”, um conceito não muito claro que resultou na

adoção de um ecletismo que combina diversos estilos históricos desde o classicismo puro até o rococó.

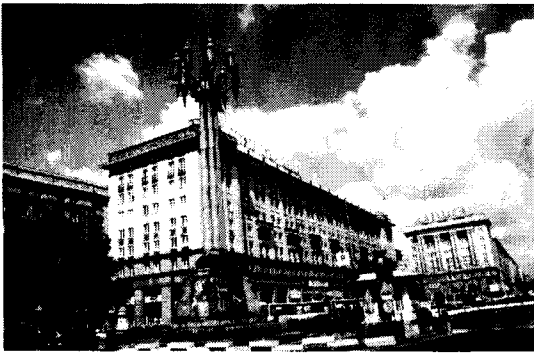
No planejamento urbano, a rejeição do modernismo traz também a rejeição do conceito das unidades de vizinhança e da descentralização, em favor da concepção da cidade compacta concebida hierarquicamente como um todo, e o retorno aos princípios rígidos da axialidade onde as ruas e avenidas são alinhadas com edifícios que formam conjuntos uniformes e homogêneos. A cidade ideal e apropriada para gerar mudanças sociais na sociedade polonesa do pós-guerra tem em Nowa Huta, Cracóvia, o modelo urbanístico e arquitetônico que responde diretamente à doutrina do realismo socialista. Nowa Huta é uma cidade planejada para 100 mil trabalhadores de um complexo industrial de aço e concebida de acordo com a tradição barroca de traçado estritamente geométrico, onde três grandes eixos interceptam uma praça poligonal com edifícios uniformemente construídos no mesmo gabarito e vocabulário arquitetônico eclético neo-renascentista, exibindo uma profusão de balaustradas, cornijas, parapeitos, arcadas, etc.

Princípios semelhantes são adotados nos conjuntos residenciais deste período, como Muranów, construído sobre as ruínas do “Gueto de Varsóvia”, projeto de Bohdan Lachert, que abandona a produção de vanguarda dos anos 1920 e rende-se ao realismo socialista na concepção de um projeto de desenho urbano e arquitetura monumental e eclética, cujos edifícios são réplicas de modelos neoclássicos (Fig. 19).

Varsóvia reúne exemplos importantes de desenho urbano e arquitetura ilustrativos do realismo socialista. Como acontece em Berlim (oriental), Rostock e Moscou e em outras cidades da Europa Oriental, uma operação urbana de grande porte na área central da cidade acrescenta mais



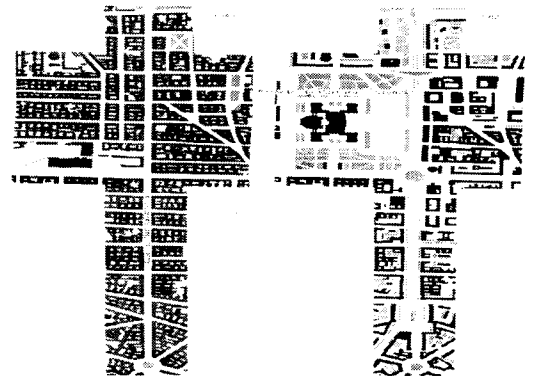
20. MDM. Plac Konstytucji



21. MDM Edifício e detalhes do mobiliário



23. MDM. Estruturas incorporadas aos edifícios retratando cenas do cotidiano dos trabalhadores



24. À esquerda, Avenida Marszalkowska



22. MDM. Decoração eclética do realismo socialista



25. Palácio de Cultura e Ciência

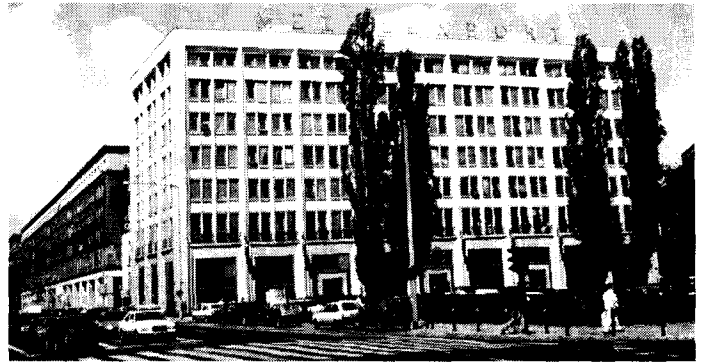
destruição ao ambiente construído já dilapidado pela guerra, na construção do MDM – Marszalkowska Dzielnica Mieszkaniowa, ou conjunto residencial Marszalkowska, projetado por Stanislaw Jankowski, Jan Knothe, Josef Sigalin e Zygmunt Stepinski e concluído em 1952 (Goldzamt; Szwidkowski, 1987) (Fig. 5).

Uma praça monumental, Plac Konstytucji, é o ponto focal do MDM, que, a exemplo da Stalinallee (Fig.20), é emoldurada por estruturas compactas de grandes proporções e gabarito uniforme exibindo um vocabulário arquitetônico de características ecléticas neoclassicistas. O traçado do MDM segue os princípios de axialidade e simetria, e o ideário do realismo socialista transparece claramente no acentuado gigantismo e caráter severo e cerimonial do espaço urbano, nos elementos de composição e ornamentação das fachadas, tais como cornijas, pilastras, áticos, colunatas, frisos, capitéis, pórticos, etc., nos elementos do mobiliário urbano (postes e luminárias) e, também, nas esculturas incorporadas aos edifícios, retratando cenas do cotidiano dos trabalhadores do campo, da indústria, cenas de mulheres robustas, de atletas, família, etc. (Figs. 21-23).

O edifício mais representativo do realismo socialista é, sem dúvida, o Palac Kultury i Nauki ou o Palácio de Cultura e Ciência, construído sob determinação direta de Stalin e projeto de arquitetos russos, que, de acordo com as inscrições no hall de entrada principal datadas de 1953, é “*um presente da nação soviética a Varsóvia*”. Sua construção estabelece uma ruptura definitiva do ambiente construído existente, em termos de forma urbana, porque rompe a estrutura morfológica da área (Fig. 24) e a relação tipológica com os demais edifícios da Avenida Marszalkowska.



26. Edf. Comitê Central da União dos Trabalhadores



28. Edifício da Metalexport



27. Edifício do Centralny Dom Towarowy



29. Edifício do Grand Hotel Warszawa

Sua torre mais alta equivale a um edifício de 35 pavimentos e é coroada com uma espiral metálica tornando-se o marco referencial da cidade e o elemento de destaque de seu *skyline* (Fig. 25). Dessa maneira, Stalin conseguiu impor definitivamente sua marca arquitetônica de ostentação e pompa em Varsóvia, pois a presença esmagadora do Palácio de Cultura e Ciência no centro da capital simboliza inequivocamente o poder e o domínio soviético sobre a nação polonesa.

ARQUITETURA MODERNA: RESISTÊNCIA E CONSOLIDAÇÃO

Em Varsóvia, são notáveis os exemplos da resistência à imposição do Estado na produção arquitetônica. Alguns edifícios são marcos referenciais deste período de combate ao ecletismo anacrônico e retrógrado que marca em toda a Europa Oriental a onipresença do stalinismo na forma da cidade. O edifício do Comitê Central da União dos Trabalhadores Poloneses (Fig. 26), projetado por Waclau Klyszewski, Jerzy Mokrzyński e Eugeniusz Wierzbicki, em 1948, de composição clássica e rígida simetria, abandona o decorativismo e ornamentação eclética, mas ainda não se

rende aos avanços proporcionados pelos novos materiais e tecnologias, nem à liberdade formal característica da arquitetura moderna dos anos 1950. Isto vem ser ilustrado pelo projeto de Zbigniew Ihnatowicz e Jerzy Romáński para o edifício do Centralny Dom Towarowy, hoje conhecido como SMYK, construído entre 1948-1950 em concreto armado, metal e vidro, dentro dos princípios corbusianos (Fig. 27).

No início da década de 1950 já se iniciam pesquisas direcionadas à padronização e economia da construção, visando ao uso em grande escala de elementos pré-fabricados de custo mais baixo, e aos métodos construtivos e *design* arquitetônico destinados a combater a ornamentação da construção. Novos materiais, novas tecnologias, nova arquitetura. A transição ainda é lenta, mas os sinais de mudança, evidentes. O edifício da Metalexport, projetado em 1954 por Zbigniew Karpinski e Tadeusz Zielinski (Fig. 28), já abandona totalmente o decorativismo eclético, embora ainda utilize severa modulação e simetria. A estrutura do edifício é deixada aparente, e o uso de concreto e vidro torna irreversível o caminho em direção à modernização. Um outro exemplo interessante deste período

é o edifício do Grand Hotel Warszawa, projeto de Stanislaw Brenkunski, de 1955. O autor ainda não se permite uma liberdade maior na composição de fachada e jogo volumétrico, que é um pano simétrico de ritmo e proporções uniformes com um monótono e repetitivo jogo de cheios e vazios, mas já incorpora um elemento típico de muitos experimentos da arquitetura moderna dos anos 1950 que é a marquise da entrada principal do hotel, cujas plasticidade e sinuosidade não encontram ressonância no jogo compacto do edifício (Fig. 29).

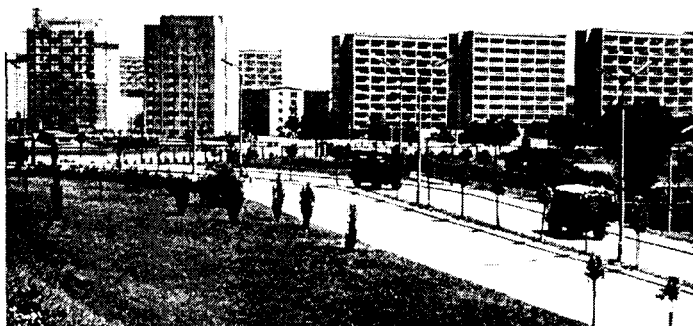
A morte de Stalin em 1953 marca o retorno da arquitetura moderna à Europa Oriental e a Varsóvia. Sem a censura estética do Estado sobre a produção do ambiente construído e com a necessidade de industrialização e barateamento da construção para atender à crescente demanda por habitação popular em grande escala, a racionalização da arquitetura decreta o abandono definitivo do ecletismo e seu caro decorativismo historicista, que é considerado oficialmente inadequado sob o ponto de vista econômico e técnico.

Assim, em 1959, o Conselho Ministerial do governo polonês decreta normas para standardização e racionalização da construção da habitação popular em massa. Estudos, pesquisas, experiências são desenvolvidos visando a soluções técnicas que atendam (i) a novos programas com *design* funcional e utilitário, (ii) a um novo *design* estrutural, (iii) aos novos materiais e (iv) aos novos métodos de construção.

Como resultado, a partir de 1961, é lançado em Varsóvia o sistema WUF-60 – Warsaw Universal Form, que consiste no uso da laje pré-fabricada como base para a construção de tipologias residenciais que variam de dois a 12 pavimentos (Fig. 30). De acordo com a doutrina socialista, “todo cidadão tem direito a um apartamento, e a economia nacional deve tornar isto possível”. Finalmente, as autoridades polonesas reconhecem na arquitetura moderna os instrumentos racionais capazes de proporcionar a standardização da construção em massa em todo país, em termos de *layout*, área, padrões de higiene e infraestrutura, materiais e tecnologia (Trzeciak, *op. cit.*).

Com a aceitação oficial da arquitetura moderna, a Avenida Marszalkowska tem seu trecho final construído com edifícios que denotam austeridade e simplicidade da forma e rejeição total da ornamentação, a exemplo de Rostock (Lange Strasse) e de Berlim (Stalinallee) (Figs. 6-8).

A Figura 31 (vista panorâmica da Avenida Marszalkowska) mostra a diversidade tipológica de edifícios que exibem uma linguagem arquitetônica dentro dos princípios projetuais da arquitetura moderna e que são



30. Conjunto residencial Praga II



31. Vista da Avenida Marszalkowska



32. Galeria Júnior e torres de edifícios residenciais

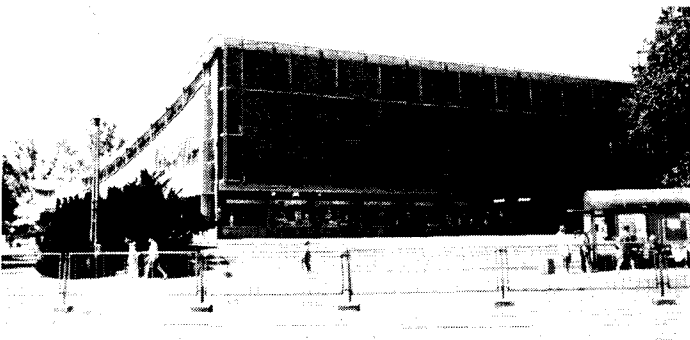
construídos a partir do final da década de 1950. A área em frente ao Palácio de Cultura e Ciência é objeto de concurso público, e a proposta vencedora, projeto de Zbigniew Karpinski, de 1959, preserva os edifícios existentes, ao mesmo tempo que incorpora ao tecido urbano a construção de várias torres de 20 pavimentos para uso residencial (Fig. 32), articulados com dois blocos de três pavimentos de acentuada horizontalidade para uso comercial e de serviços. Próximo a este complexo, o edifício do Foreign Trade Agencies, projeto de Jerzy Kowarski, que consiste em uma torre de 15 pavimentos com fachada principal rigidamente modulada e profusão de esquadrias metálicas e vidro, articulada com um volume cilíndrico de estrutura metálica e



33. Edifício do Foreign Trade Agencies



34. Edifício do Foreign Trade Agencies



35. Edifício do Supermercado Supersam



36. Edifício Moda Polska

marquise de concreto (Figs. 33-34). Outros exemplos na área central da cidade são ilustrados pelo edifício do Supersam, um grande pavilhão de 6.000m² com telhado suspenso e uso de estruturas metálicas e concreto armado, que é um dos primeiros supermercados de grande porte construído em 1962 de autoria de Jerzy Hryniewiecki (Fig. 35), e o edifício Moda Polska, também de 1962, sobre pilotis

revestidos com pastilha cerâmica colorida e septos de concreto que emolduram as esquadrias de vidro dispostas diagonalmente na fachada principal, resultando num jogo movimentado de sombras e reentrâncias (Fig. 36).

CONCLUSÕES

No período compreendido entre as primeiras décadas do século XX até a fase de reconstrução do pós-guerra, as limitações e censura estéticas impostas ao desenho urbano e arquitetura da cidade, o retrocesso historicista, as tentativas de resistência à imposição eclética e a aceitação oficial da arquitetura moderna após a morte de Stalin em 1953 revelam o processo de interferência autoritária da União Soviética na política cultural e produção do ambiente construído em Varsóvia.

O poder político de Stalin é visto não somente na forma urbana de Moscou, mas na maioria das cidades da Europa Oriental integrantes do bloco soviético dominado pela URSS. A imposição e controle stalinista retardam o desenvolvimento natural da arquitetura moderna nesses países, estabelecendo o ecletismo monumental, nostálgico e anacrônico como a estética oficial.

Os governos totalitários, por definição, possuem o poder total sobre o indivíduo e sobre a sociedade, e este poder se expressa também na arquitetura e desenho urbano das cidades, através da escala gigantesca dos espaços cerimoniais de grandes efeitos visuais concebidos para deliberadamente induzir medo e submissão na população e expressar a autoridade, supremacia, disciplina e grandiosidade de seus líderes (Cavalcanti, 1992).

No pós-guerra, a confrontação da Europa Oriental e Ocidental e suas opostas ideologias antagonizam e dramatizam a produção do ambiente construído da cidade, o qual “carrega” as mensagens políticas e desejos de

ostentação das proclamadas vitórias. A cidade e sua arquitetura são palcos da Guerra Fria que vão se adequar ao cenário político do capitalismo e da democracia liberal do Ocidente e do marxismo-leninista da Europa Oriental e URSS.

Varsóvia, Berlim, Dresden, Rostock e Leipzig durante o período de dominação stalinista, assim como a Bucareste de Nicolae Ceausescu, no final da década de 80, são cenários de autoritarismo e autocracia, de exemplos bizarros, grotescos e anacrônicos da forma construída, bastante distanciados das conquistas e avanços tecnológicos que acompanham a industrialização da construção, das pesquisas de novos materiais e métodos construtivos, do funcionalismo do *design* arquitetônico e da liberdade da forma que ocorre na arquitetura moderna dos anos 1950.

As mudanças políticas ocasionadas pelo colapso do comunismo na URSS e Europa Oriental, a reunificação da Alemanha, a independência dos países bálticos, a divisão da Tcheco-Eslováquia e da Iugoslávia, entre outras, têm gerado distintas manifestações da população em relação ao legado arquitetônico representativo de décadas de ocupação soviética, sendo considerados pela população como “símbolos de um passado indesejável”. Em Berlim, debates públicos sobre a destruição do Palast der Republik, construído no regime de Erich Honecker, deixa clara a rejeição de parte da população pela herança arquitetônica de edifícios que trazem mensagens e recordações de um período autocrático e de restrição à liberdade individual.

Em Varsóvia, a presença ostensiva do Palácio de Cultura e Ciência no centro da cidade despertou debates calorosos e contraditórios junto à população e inspirou a realização de um concurso internacional organizado pelo Polish Architects Association em 1992, para encontrar soluções para minimizar o efeito esmagador desta estrutura gigantesca vista de quase todos os pontos principais da cidade e, sem dúvida, um monumento ao stalinismo.

Em recente visita a Varsóvia, a autora deste artigo encontrou uma placa estrategicamente colocada na entrada do conjunto residencial Muranów (Fig. 19) com a seguinte inscrição: “*Skwer Politycznych Stalinizum*” que significa Praça dos Prisioneiros Políticos do Stalinismo.

No final do século XX é preocupante o retorno ao clacissismo acadêmico, ao *revival* da decoração urbana, da *mimesis* e do neo-eclétismo propagado na obra de arquitetos intitulados “pós-modernos historicistas”, tais como Leon e

Bob Krier, Quinlan Terry, Ricardo Boffil, entre outros.

Ironicamente, enquanto a população rejeita a herança ostensiva do stalinismo, Philip Johnson declara, em 1993, que a Stalinallee é a “*true city planning in the grand design*”.

Nota

¹A autora agradece especialmente Klaus Brendle, pelo apoio, carinho e dedicação, que tornou possível a realização deste trabalho e viagem de pesquisa a Varsóvia no verão polonês de 1998.

Referências Bibliográficas

- BEYME, K. von. (org.). *Neue Städte aus Ruinen*. München: Prestel-Verlag, 1992.
- BOLESŁAW, B. *Referat na Konferencji Warszawskiej PZPR w DNIU*. Warszawa: 3 Lipca 1949, 1950.
- CAVALCANTI, M. de B. U. Totalitarian States and their Influence on City-Form. The Case of Bucharest. *Journal of Architectural and Planning Research*. Chicago: Locke Science Publishing Company, v. 9, n. 4, 1992. pp. 275-286.
- . Urban Reconstruction and Autocratic Régimes. The Case of Bucharest. PhD Thesis. Oxford Brookes University. Oxford, Inglaterra, 1994.
- . Urban Reconstruction and Autocratic Régimes. Ceausescu's Bucharest in its Historical Context. *Planning Perspectives*. London: E.&F.N. Spon, v. 12, n.1, 1997. pp. 71-109.
- CAVALCANTI, M. de B. U.; BRENDLE, K. Transformações Urbanas e Arquitetônicas na Alemanha Reunificada. Comunicação apresentada no V Seminário de História da Cidade e do Urbanismo. Campinas, 1998.
- CIBOROWSKI, A. *Warszawa. O Zniszczeniu i Odbudowie Miasta*. Warszawa: Wydawnictwo, 1964.
- FULBROOCK, M. The Divided Nation. *The Fontana History of Germany*. 1918-1990. Glasgow: Fontana Press, 1991.
- GOLDZAMT, E.; SZWIDKOWSKI, O. *Kultura Urbanistyczna Krajów Socjalistycznych*. Moskwa: Arkady, Strojizdat, 1987.
- JOHNSON, P. Berlins letzte Chance. *Tagesspiegel*, 14 jun.1993.
- OLSZEWSKI, A. K. *Polish Art and Architecture*. 1890-1980. Warsaw: Interpress Publishers, 1989.
- PULZER, P. *German Politics*, 1945-1995. Oxford: Oxford University Press, 1995.
- TARKHANOV, A.; KAVTARADZE, S. *Stalinist Architecture*. London: Lawrence King, 1992.
- TRZECIAK, P. (org.). *Building and Architecture in Poland*, 1945-1966. Warsaw: Interpress Publishers, 1968.
- ZIELINSKI, J. *Warsaw. Ruined and Rebuilt*. Warsaw: Wydawnictwo Festina s. c., 1997.